

Não se pensa em pagar a dívida, apenas em negociar os juros

por José Casado
de São Paulo

O Brasil "não pensa em pagar sua dívida externa", de US\$ 100 bilhões, segundo o ministro Ernane Galvêas, da Fazenda: "Reduzir a dívida pode até ser uma preocupação importante, mas nas conversas que mantivemos até agora com os banqueiros isso nem entrou. O nosso problema real é atender ao 'serviço' anual da dívida. E aí só temos dois caminhos: do aumento das exportações e o da redução da taxa de juros".

Galvêas disse isso, ontem, no encerramento do seminário "Alternativas para a Reestruturação da Economia Mundial", depois de ouvir Fred Bergsten, ex-secretário assistente do Tesouro dos Estados Unidos, que recomendou a inclusão de um teto para os juros e a capitalização do excedente.

O ministro Mário Henrique Simonsen concorda com Galvêas, se diz um pouco cético em relação à proposta de Bergsten — "que acho muito interessante" —, observando que "os banqueiros estrangeiros precisam estar mais atentos ao fato de que a dívida externa de um país como o Brasil só será resol-

vida com um crescimento robusto nas exportações".

Norman Bailey, ex-secretário do Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos, sugere que o caminho de países como o Brasil, na próxima renegociação com os credores, "tem necessariamente de passar pelo crescimento econômico e não apenas estar voltado às exportações, mas sobretudo ao mercado interno".

O problema, argumenta Roberto Campos, ex-ministro do Planejamento, é criar condições efetivas para crescimento num país que enfrenta inflação de 200%. "Teoricamente, é possível ter-se uma política de rendas que estimule o crescimento e baixe a inflação. Mas isso depende de um pacto social. E a minha experiência recomenda que seja um pouco cético quanto a essa questão do pacto social, sobretudo num país com as características institucionais do Brasil".

Para Campos, o próximo governo deveria elaborar uma política econômica baseada sobretudo na recente experiência de ajuste econômico produzida em países da Ásia. "Na Coréia, por exemplo, eles nem sequer admitiram namoros com a escola estruturalista."